

ANTAS
CAMPO MYSTICO
BUENO BRANDÃO

Um pouco de nossos
200 anos de
história

Departamento de Cultura - Conselho Municipal de Patrimônio Cultural
Prefeitura Municipal de Bueno Brandão 2017/2020

Aqui está, resumidamente, parte da história de nossa cidade, desde o começo da ocupação dessas terras, a formação do povoado nas primeiras décadas do século XIX, até alguns fatos já no século XX, como a valorização do patrimônio histórico, cultural e natural para o desenvolvimento do turismo como importante atividade econômica.



*Pesquisa, redação,
paginação e arte:*

Gerson Geraldo Rossi

Apoio - Departamento Cultura:
Mônica Lúcia Furquim Pereira

Prefeito Municipal
de Bueno Brandão 2017/2020:
Sílvio Antônio Félix
Vice-prefeito:

Lourival Cavini Júnior

Impressão: **Gráfica Mosaiko**
Lançamento: **2020**

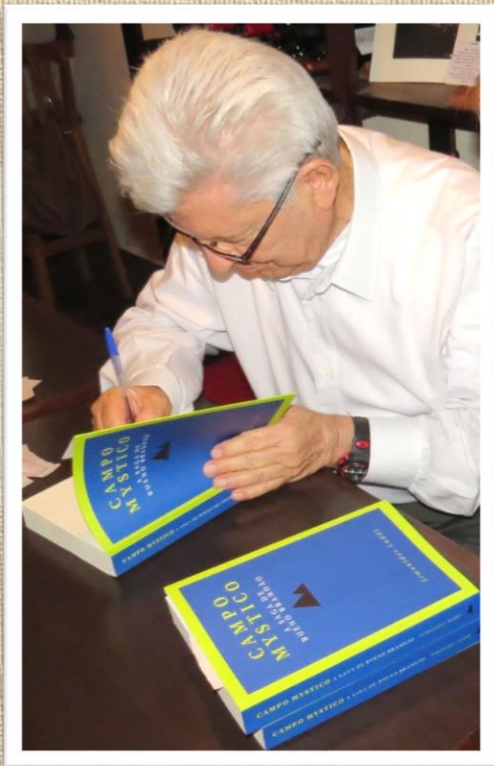


*Sr. Simonides Loddi,
pela autoria e
publicação de um livro
tão elaborado sobre
nossa história,
Conselho Municipal de
Patrimônio Cultural,
Departamento de
Educação, escolas,
professores e alunos.
Este trabalho de
educação patrimonial
procura valorizar
a história de
Bueno Brandão,
com sua gente,
seu patrimônio
cultural e natural,
ampliando nossa
consciência e
nosso aprendizado.*

Agradecimentos

Índice

- 03 Bibliografia: fontes usadas para elaborar este trabalho
- 05 Índios e portugueses: o início
- 11 Anta: animal que deu nome ao rio que atravessa o município
- 14 A chegada do português trazendo a imagem do Bom Jesus
- 17 A fundação de nossa cidade
- 20 Frei Eugênio e a origem do nome Campo Mystico
- 22 Quantos éramos e quantos somos
- 24 A família Brigagão
- 28 O Barão de Campo Mystico
- 33 O Distrito de Campo Mystico
- 39 A nova igreja Matriz do Senhor Bom Jesus
- 42 O casarão na Avenida Bom Jesus e a instalação da comarca
- 47 Os imigrantes italianos chegam a Campo Mystico
- 53 Praça Virgílio de Melo Franco
- 62 Turismo: a semente é plantada e produz frutos
- 64 A simpatia de nosso povo e nossas belezas naturais
- 68 Cultura, história, festividades e eventos: importantes atrativos
- 78 A economia criativa e a pandemia com efeitos globais
- 79 Símbolos de Bueno Brandão: o hino, a bandeira, o brasão
- 80 Biblioteca Municipal Maria Felicidade Costa. Já conhece?
- 81 Passatempos instrutivos: nossos atrativos e nossa história
- 83 Você e todos nós construindo nosso acervo histórico-cultural

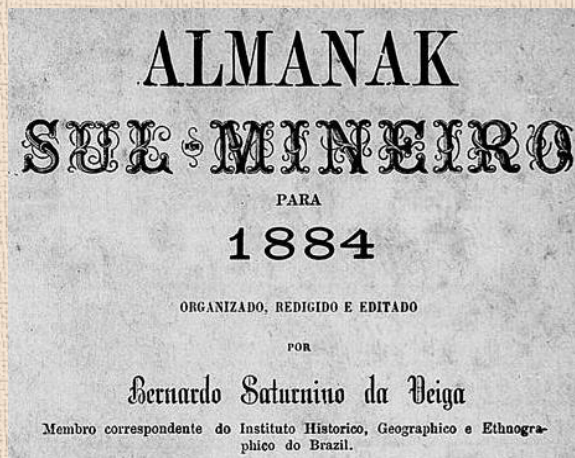


A principal fonte de consulta para a elaboração desse trabalho foi o livro *Campo Mystico – A Saga de Bueno Brandão*, de autoria de Simonides Loddi.

Na foto, momento em que o autor dedica um exemplar à Biblioteca Pública Municipal Maria Felicidade Costa, no dia do lançamento de sua obra, em 2014.

O livro é uma referência quando se trata da história de Bueno Brandão, contendo a cópia de importantes documentos e um texto elaborado com base em pesquisas e relatos deixados por Luís Lodi, pai do autor.

Outras fontes consultadas foram o *Almanach Sul Mineiro* de 1874 e o *Almanak Sul Mineiro* de 1884, ambos de autoria de Bernardo Saturnino da Veiga, da cidade de Campanha, o mais antigo município do sul de Minas. Ambas as edições trazem um panorama de cada município, distrito e freguesia do sul de Minas, com dados curiosos dos anos 70 e 80 do século XIX (anos 1800). Na próxima página estão os links para o acesso às duas edições na íntegra.



Edição 1874: https://issuu.com/fundacaoculturaldevarginha/docs/almanaque_sul__mineiro_1874

Edição 1884: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=213462&pagfis=848>

Muitas informações e fotos usadas foram extraídas do Acervo Histórico Fotográfico de Bueno Brandão, do Inventário de Bens Culturais do município, do Plano Municipal de Saneamento Básico e dos sites: memoriadepocos.com.br, aquitemmata.org.br, arquidiocesedeuberaba.org.br, worldanimalprotection.org.br, siaapm.cultura.mg.gov.br e pt.wikipedia.org.

Este conteúdo será usado nas escolas do município (cada aluno e professor receberá um exemplar). Estará disponível na sala de leitura de cada escola e na Biblioteca Pública Municipal.

Índios e portugueses: o início

Na verdade, tudo começou como mostra essa faixa, usada em um desfile cívico, na década de 1970, aqui em Bueno Brandão: a chegada de Pedro Álvares Cabral e outros portugueses, em 1500, iniciou uma nova história para esse território.

Antônio Nunes Brigagão, um antigo morador dessas terras, se estabeleceu por aqui após comprar terras de uma índia, chamada Maria Ourives. Este é apenas um dos fatos que indicam a presença de índios por essa região, antes da chegada dos colonizadores portugueses. Grande parte do sul de Minas pertencia à Capitania de São Vicente. Na próxima página, o mapa de 1597, da capitania, mostra que por volta desse ano, o sul das Gerais ainda não era bem conhecido, tanto que nem aparece no mapa, onde se vê apenas uma faixa do litoral paulista e a Vila de São Paulo de Piratininga (indicada no mapa pela seta).



Foi apenas de 1611 em diante, que sertanistas e bandeirantes se embrenharam interior adentro, partindo da Vila de São Paulo de Piratininga. Vinham por um caminho muito antigo que ligava Atibaia a Ouro Fino, através de Camanducaia, bairro dos Ciganos, Antas e pelos Nunes. Várias trilhas e caminhos ligavam os atuais



municípios de Bueno Brandão, Senador Amaral, Bom Repouso, Munhoz, Toledo, Cambuí e Extrema, que faziam parte da freguesia de Jaguary, atual cidade de Camanducaia.

A descoberta de ouro em Minas Gerais gerou conflitos como a Guerra dos Emboabas, em que bandeirantes paulistas entraram em confronto com portugueses e migrantes de outras partes do Brasil, reivindicando o direito de exploração das minas de ouro.

*A Vila de São Paulo de Piratininga,
fundada em 25 de janeiro,
tornou-se uma das maiores
metrópoles do mundo:
é a atual cidade de São Paulo.*



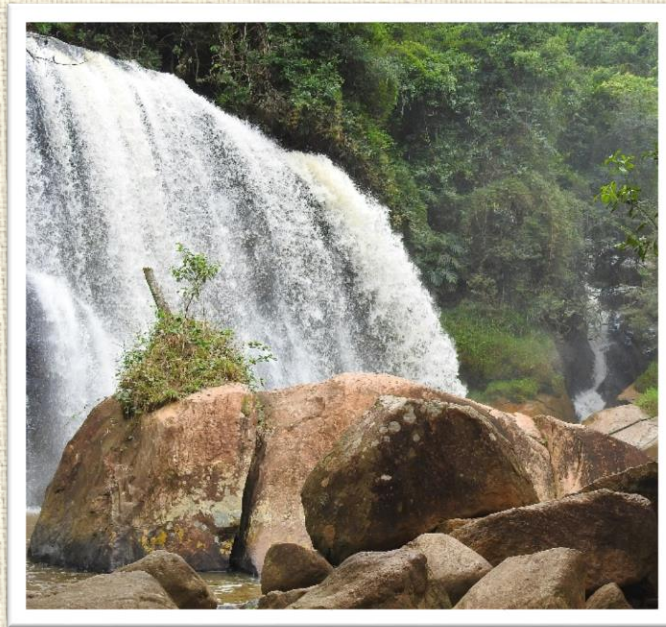
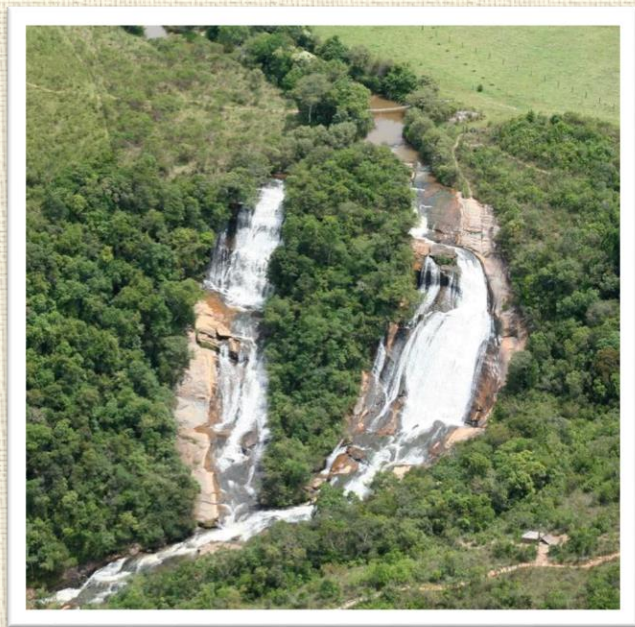
A Coroa Portuguesa, diante dessa situação, criou a capitania de Minas Gerais, separando-a de São Paulo, em 1720.

Nessa aventura de desbravar o sertão, os rios foram fundamentais, principalmente quando os aventureiros passaram a ter mais interesse na atividade

agropecuária do que na mineração, que já se mostrava decadente. Os desbravadores, ao se fixarem em terrenos desabitados e ainda sem dono, para se estabelecerem e se apossarem da área, buscavam a proximidade com algum rio ou curso d'água. No território do atual município de Bueno Brandão, dois rios merecem destaque nesse contexto: o Rio Cachoeirinha, que forma a Cachoeira dos Luís, e o Rio das Antas, ambos afluentes do Rio do Peixe, que nasce no município

de Munhoz, com o nome de Rio Corrente e, ao receber as águas do Rio Cachoeirinha, com o nome de Rio Corrente e, ao receber as águas do Rio Cachoeirinha, passa a ter o nome de Rio do Peixe, atravessando mais adiante as cidades de Socorro, Lindóia, Serra Negra e Itapira, já no estado de São Paulo.

À direita, Cachoeira do Machado I (Rio das Antas) e á esquerda Cachoeira dos Luís (Rio Cachoeirinha). Fazem parte do nosso patrimônio natural.



A mudança para a pecuária e agricultura também gerou conflitos. Muitos proprietários, mesmo tendo os documentos das terras, tiveram dificuldade em ocupá-las, pois já havia posseiros lá estabelecidos. A demarcação incerta dos limites das propriedades também era problema, assim como a dificuldade de mão de obra, representada inclusive por escravos, o que fazia da força de trabalho, um indicativo de poder.

Para incentivar a exploração econômica do território, o governo passou a distribuir terras aos desbravadores que as tornassem produtivas. As sesmarias eram um desses tipos de concessões, sendo a uma grande extensão de terra. Tivemos aqui o caso do português Manoel José Pinto, que solicitou ao governador da Capitania de Minas Gerais uma sesmaria denominada Ciganos, com 130 km² (mais de um terço do território atual de Bueno Brandão, que tem 355 km²). A solicitação foi aceita. Ele faleceu com mais de 100 anos, no bairro dos Ciganos, em 1823, deixando um testamento que dividiu as terras entre vários de seus escravos e caseiros.

E assim o município foi sendo ocupado, por portugueses, bandeirantes, aventureiros paulistas, seus descendentes e agregados, numa mistura étnica entre índios, africanos e brancos. A famílias foram se fixando e seus sobrenomes identificavam o bairro onde viviam, como Nunes, Rodrigues, Coutinho, Sertão dos Moraes, Cardoso, Santana, Boa Vista dos Barbosa e outros.

Paragem do Ribeirão das Antas: assim era chamado esse lugar que deve ter servido de pouso, descanso e reabastecimento para os que por aqui passavam, aproveitando as margens de um ribeirão chamado Antas. Imagina-se que a razão desse nome



tenha sido pela presença desse animal no local. A anta, maior mamífero silvestre da América do Sul, pode medir até mais de 2 metros de comprimento e pesar até mais de 250 quilos. Vamos conhecer esse animal que tem até um dia dedicado a ele: 27 de abril – Dia Internacional da Anta.



Costumam habitar áreas abertas ou florestas próximas a cursos d'água, pois adoram nadar, especialmente onde há palmeiras. Alimentam-se de frutos, como o da palmeira, sem prejudicar as sementes da planta, que são eliminadas intactas por defecação ou regurgitação. Portanto, têm um papel muito importante na dispersão de sementes. Podem

viver até 35 anos e seus predadores são os grandes felinos, como a onça-pintada e a onça-parda. Há cinco espécies no mundo: anta-sul-americana e anta-pretinha (presentes no Brasil), anta-da-montanha (encontradas nos Andes), anta-centro-americana (na América Central) e anta-malaia (na Indonésia). A reprodução é lenta, com gestação que dura mais de um ano, gerando apenas um filhote. Demora, então, de um ano e meio a dois anos para ter outra cria, o que contribui para

estar na lista de espécies em extinção. O filhote nasce com 5 a 6 quilos, todo listradinho, parecendo uma melancia marrom e branca.

No Brasil, a anta talvez seja o animal mais injustiçado, pois seu nome é usado de maneira pejorativa, como um ser com pouca inteligência, o que não é verdade. Aqui estão três motivos pelos quais ser chamado de anta deveria ser considerado um elogio:

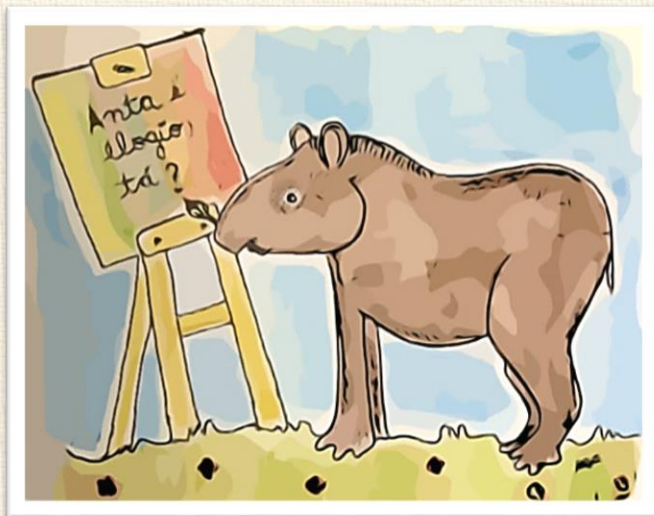
- 1) As antas são ótimas jardineiras: ajudam na preservação de biomas brasileiros como Amazônia, Pantanal, Cerrado e Mata Atlântica, pois são grandes o bastante para se alimentarem de frutas inteiras (com o caroço) e depois, ao final da digestão, andam por um amplo território onde vão defecando e depositando as sementes já “adubadas”. Nossa biodiversidade deve muito a esse animal, que provavelmente já plantou mais árvores do que todos nós juntos.
- 2) Está cientificamente comprovado que antas possuem uma enorme quantidade de neurônios,



sendo muito espertas, tanto que há cinco espécies no mundo e todas cuidam muito bem do próprio habitat, ou seja, indicativo de inteligência.

3) São pioneiras e desbravadoras, pois ajudaram a criar alguns caminhos pelo Brasil adentro: povos indígenas e bandeirantes se beneficiaram de “trilhas naturais” abertas pelas antas em meio à vegetação. As queimadas, os desmatamentos e as construções do homem foram reduzindo o espaço para esse animal, que é grande e precisa de matas grandes.

No Brasil de hoje, vive principalmente na Floresta Amazônica e no Pantanal, pois na Mata Atlântica e no Cerrado já não é mais comum encontrá-lo. As poucas antas que se arriscam a chegar mais perto do homem podem pegar doenças. Há quem pense que elas podem passar doenças para o gado, como a febre maculosa, transmitida pelo carrapato-estrela. Mas as antas não pegam esse tipo de carrapato. É mais fácil ficarem doentes por causa dos animais domésticos, do que o contrário. E ainda temos casos de



Intoxicação de antas por agrotóxicos. Foi a importância de se preservar esse animal que levou à criação de um dia dedicado a ele, para que todos se conscientizem.

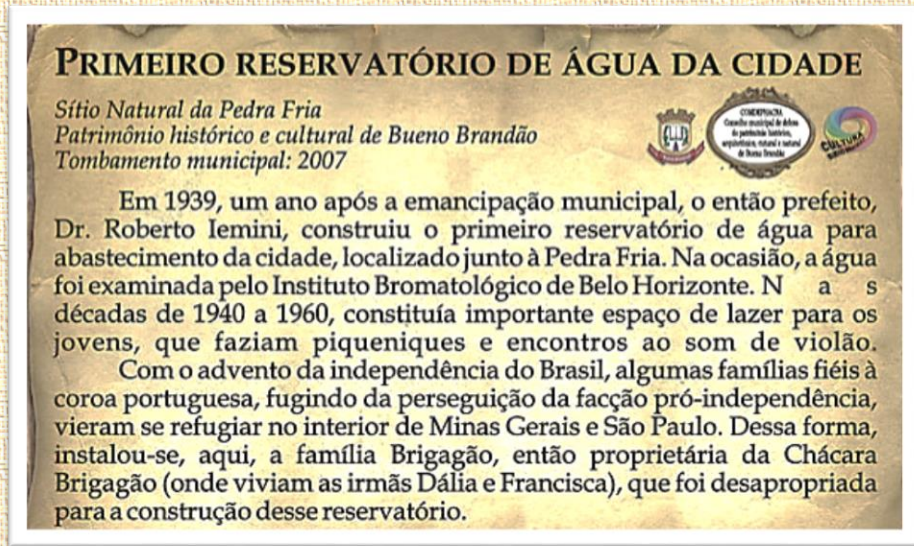
Mas já que os primeiros donos dessas terras foram portugueses, talvez o nome Antas tenha origem em outras fontes de inspiração, como a freguesia portuguesa da região de Braga, chamada justamente Antas, de onde vieram os primeiros portugueses que aqui se estabeleceram. Veio do Santuário do Senhor Bom Jesus, em Braga, a primeira imagem do Bom Jesus trazida pelo português Patrício José Joaquim de Miranda.



Imagem do Bom Jesus da Pedra Fria, patrimônio histórico-cultural de Bueno Brandão restaurado em 2015, que fica na capela do Bairro dos Rodrigues, onde o Sr. Miro, na foto, fala aos estudantes sobre seu trabalho e de sua família como zeladores da imagem e capela.



Fazenda do Ribeirão das Antas foi outro nome usado para fazer referência a essas terras. Consta em um documento antigo que, por volta de 1800 (fim do século XVIII e início do século XIX), elas pertenciam a um grupo com cerca de 35 pessoas, entre elas Jacintha Maria de Jesus, esposa do português Patrício José Joaquim de Miranda. O casal morava próximo à antiga caixa d'água (atualmente início da Rua do Cristo) e em sua própria casa montou uma venda, pois percebeu que aos moradores e viajantes faltava um local onde pudessem adquirir mercadorias. Fez um pequeno oratório para abrigar a imagem do Bom Jesus vinda de Portugal. Próximo à casa, havia uma grande laje de pedra, cercada de mata, onde a temperatura era sempre baixa. A capelinha ficou então conhecida como do Senhor Bom Jesus da Pedra Fria.



O Sítio Natural da Pedra Fria é um patrimônio histórico, cultural e natural de Bueno Brandão. Nessa área ficava o primeiro reservatório de água para abastecimento da cidade, na época ainda distrito de Campo Mystico. Na página anterior, a placa informativa instalada no local. Ao lado, caminhada educativa por ocasião do ECOFEST, pela Pedra Fria e antigo reservatório.



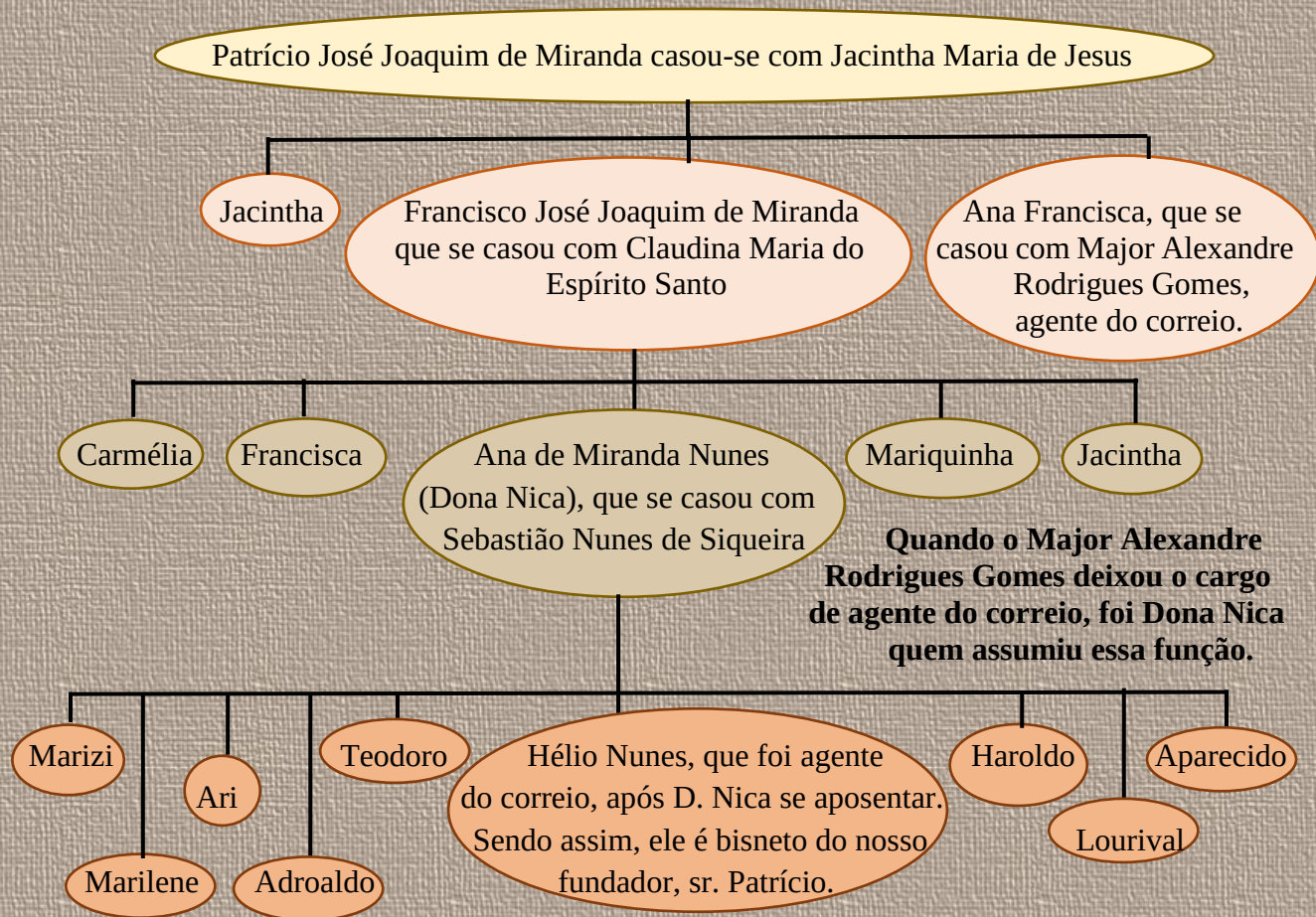
Os anos se passaram e surgiu a necessidade de se construir uma capela de fato, para abrigar o Senhor Bom Jesus da Pedra Fria. Como não havia um terreno para isso, em 8 de fevereiro de 1820 o Sr. Patrício, juntamente com os outros proprietários da Fazenda do Ribeirão das Antas fizeram uma doação de terra para formar o patrimônio da capela. O local é onde hoje fica a Praça Virgílio de Melo Franco, onde também ficava o antigo cemitério.

Ali foi construída a primeira capela, entre 1820 e 1822, e ao seu redor a comunidade foi se formando. Em 1831 chegou o primeiro padre a residir no local: João da Silva Brito. Embora com o sobrenome Brito, não tinha relação com o Monsenhor Brito, que só viria para estas terras no início do século XX.

A inauguração da pia batismal da capela, em 1822, é considerada o marco da fundação de Bueno Brandão. Portanto, já se passaram praticamente 200 anos. Não confunda com a data da emancipação política e administrativa, 17 de dezembro de 1938, quando Campo Mystico deixou de ser um distrito de Ouro Fino, tornando-se o município de Bueno Brandão.

Patrício José Joaquim de Miranda é considerado o fundador de Bueno Brandão. Faleceu em 10 de setembro de 1859, deixando os filhos Jacintha, Ana Francisca e Francisco José Joaquim de Miranda. Este se casou com Claudina, com quem teve 5 filhos, entre eles Ana de Miranda Nunes (Dona Nica), casada com Sebastião Nunes de Siqueira, com quem teve nove filhos, entre eles Hélio Nunes, que trabalhou muitos anos no correio de Bueno Brandão, na época em que os serviços postais não tinham a rapidez que a tecnologia atual permitiu.

Aqui está uma pequena “árvore genealógica” da família do nosso fundador, mostrando quem foram os seus descendentes: filhos, netos e bisnetos:



Alunos e professores do Grupo Escolar Secretário Olinto Orsini visitam a agência do correio, que funcionava no prédio do Mercado Municipal, onde hoje está a Prefeitura Municipal.



Acima, Sr Hélio Nunes e seu ajudante José Ronaldi Lodi mostram aos alunos o telégrafo.

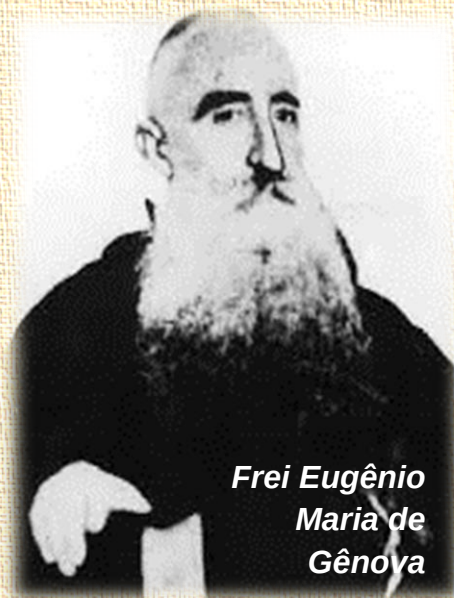
Como curiosidade sobre o serviço de correio por volta de 1880 em Campo Mystico, consta na edição de 1884 do "Almanak Sul Mineiro":

— De Ouro Fino por Monte Sião ha um correio, de 6 em 6 dias, que passa aqui em Campo Mystico.

De onde vem o nome CAMPO MYSTICO

Em fevereiro de 1850, a mando do Bispado de São Paulo, veio para essas terras o capuchinho italiano Frei Eugênio Maria de Gênova e outros congregados, para pregar uma missão. Encantando com a beleza do lugar, chamou-o de Campo Mystico. A comunidade e o bispo de São Paulo aprovaram, tanto que, até 22/11/1850, o padre assinava “pároco nesta Capela das Antas” e a partir de 25/11/1850 usou “vigário desta matriz de Campo Mystico”. Na época, a palavra mystico era escrita com a letra “y” e não “i”.

Frei Eugênio nasceu em 4 de novembro de 1812, na Província de Gênova, Itália. Em 1836 foi consagrado sacerdote pela Ordem dos Franciscanos Capuchinhos. Um ano depois chegou ao Rio de Janeiro, enviado em missão para o Brasil. Atuou em Goiás, Minas Gerais e São Paulo, em ação missionária. Em 1856, após ter passado por essas terras, foi convidado a ir para Uberaba,



*Frei Eugênio
Maria de
Gênova*

onde ajudou a realizar importantes obras como o cemitério, a igreja matriz, o Hospital de Misericórdia e tantas outras. Faleceu naquela cidade, em 14 de julho de 1871, aos 59 anos.

O HOSPITAL DE MISERICORDIA DE UBERABA

e o seu fundador Frei Eugenio Maria de Genova

**DISCURSO PROFERIDO NA INAUGURAÇÃO, EM 14 DE JUNHO DE 1898, PELO
EX-SECRETARIO DA MESA ADMINISTRATIVA**

*Trechos do discurso
feito na inauguração
do Hospital de
Uberaba, do qual Frei
Eugênio é
considerado o
fundador. O texto faz
referência ao ano de
1856, chegada do frei
àquela cidade.*

Esse notavel Franciscano chegou aqui no mesmo anno; abriu logo a Missão e a manteve quarenta dias; construiu um Cemiterio em cerca de um anno, auxiliando-se para isto de Fiéis de todas as classes e sexos com idade válida; porque todos, sem excepção, acudirão ao trabalho, sob a voz paternal desse virtuoso Sacerdote. Fez depois accrescimos á Matriz, lhe forneceu Imagens, alfaias e ornamentos como até então não tinha possuido. Abriu ruas, construiu pontes. (B)

Eil-o a emprehender outra obra mais grandiosa, mais monumental, do que o Cemiterio, do que a Matriz — ainda mais util — lançando os alicerces fundamentaes deste Hospital de Misericordia. Isto succedeu em 1858. (D)

Quantos éramos e quantos somos

Em 1831, viviam por aqui 969 habitantes, sendo 167 escravos. O censo de 1833/1835 já constatou uma população maior: 1397 pessoas, 173 delas escravos. O Censo Geral do Império, realizado entre 1872 e 1873, contou 5058 habitantes, sendo 153 escravos. No Almanach Sul Mineiro de 1874 consta uma população de “quase 5000 almas”. Dez anos depois, na edição de 1884, já constavam seis mil almas.

— Durante o anno de 1882 fôrão em numero de 200 os baptisados de livres e 7 de ingenuos ; 37 os casamentos e 110 os obitos de livres. No primeiro semestre de 1883, os baptisados de livres fôrão 93, e de ingenuos 2; os casamentos 13 e 35 os obitos.

De acordo com o censo oficial, realizado em 2010 pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a população de Bueno Brandão era de 10.892 habitantes, distribuídos praticamente em número igual nas áreas urbana e rural. Para 2019, segundo o IBGE, a população estimada era de 11.001 habitantes.

Tem uma igreja consagrada ao Senhor Bom Jesus, padroeiro, havendo uma capella dedicada a Nosso Senhor dos Passos :—ambos estes templos estão arruinados, e para os reparos que exigem são impotentes os recursos da população do lugar, a qual, posto que augmentada, calculando-se seu numero na parochia em 6,000 almas, é pobre em sua maioria, apezar de diligente e laboriosa.

Em 1831, a freguesia de Pouso Alegre era composta por dez distritos, entre eles o de Bom Jesus das Antas (atual Bueno Brandão). No ano de 1840, Bom Jesus das Antas e Bom Retiro (atual Bom Repouso) passaram para a Vila de Jaguary (Camanducaia).

Em 1º de junho de 1850, o povoado do Ribeirão das Antas é elevado à freguesia de Campo Mystico. Um povoado era elevado à categoria de freguesia, pela Diocese, quando pudesse manter um vigário à custa de seus paroquianos. Cada freguesia tinha um Juiz de Paz e podia possuir várias capelas filiais, algumas delas localizadas bem longe da Matriz, como foi o caso da Capela do Bom Retiro (atual cidade de Bom Repouso), que até 1868 ficou anexada à matriz de Campo Mystico. Atualmente, no Brasil, o termo freguesia foi substituído por “paróquia”.

Em 1880, foi criado oficialmente o município de Ouro Fino, englobando os distritos de Jacutinga, de Monte Sião e de Campo Mystico.

Na página 415 do Almanak Sul Mineiro de 1884, consta no início do texto sobre o município de Ouro Fino, a relação das freguesias a ele então pertencentes:

MUNICIPIO DE OURO FINO

Composto das freguezias da cidade, do Senhor Bom Jesus do Campo Mystico, de Santo Antonio da Jacotinga e de Nossa Senhora da Conceição de Monte Sião

Em 1822, vários portugueses
que viviam na Corte do Rio de

A família BRIGAGÃO

Janeiro e não apoiavam o movimento de independência do Brasil, foram banidos para os sertões. Um deles foi o Capitão Antônio Felipe do Amaral, casado com Francisca Anacleta Brigagão, banido para o Ribeirão dos Bugres, atual cidade de Caldas, onde nasceu o filho casal, Antônio Nunes Brigagão. Antônio se casou com Dhalia e tiveram a filha Ursulina e mais três filhos.

O Capitão Antônio Nunes Brigagão veio morar no distrito de Campo Mystico, então pertencente a Ouro Fino. Era professor, músico e receitava remédios naturais. Como já mencionado, comprou aqui terras da índia Maria Ourives, onde cultivava uva para a fabricação de jeropiga e de um vinho que recebeu até medalha de ouro em exposições na Itália, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Na página 271 do Almanach Sul Mineiro de 1774, consta o Capitão Antônio Nunes Brigagão como fabriqueiro, pessoa encarregada de recolher os rendimentos de uma igreja e administrar seu patrimônio. Após sua morte, aos 98 anos, em 1914, sua filha Ursulina continuou a fabricação de vinho, conforme nos mostra a foto na página seguinte, referente à bebida de sua produção.

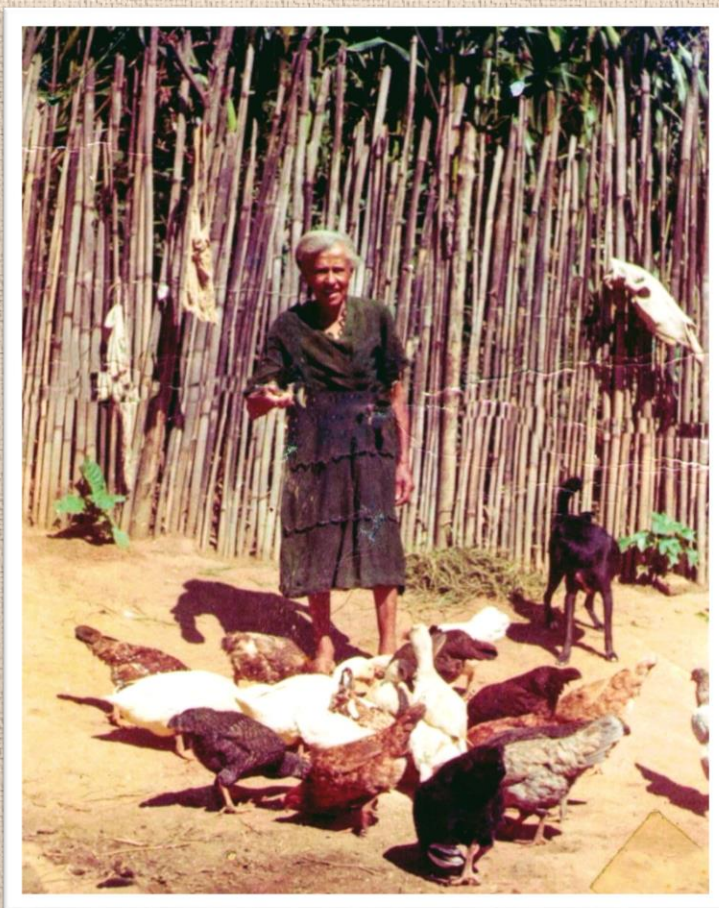
Vigario da igreja,
Zeferino Xisto Rodrigues Vieira.
Sacristão,
Martinianno Antonio de Lemos.
Fabriqueiro,
Antonio Nunes Brigagão.

Ursulina casou-se com Joaquim da Calçada Guinda, com quem teve duas filhas: Dália, nascida em 1892 e Francisca (Chiquinha) em 1895.

Dália e Chiquinha eram cultas, prenyadas e bondosas. Algumas pessoas as procuravam para ver sua sorte, principalmente casais de namorados e moças desiludidas com algum pretendente. Venderam e

doaram terras para a construção do Hospital e Maternidade Bom Jesus. Era um terreno que antes havia pertencido à igreja, e foi vendido à família Brigagão.





Que bela LIÇÃO

Sobre Dona Chiquinha, que está nesta foto, há uma passagem interessante, que mostra sua inteligência e seu valor humano: estava ela cavando um buraco para plantar uma laranjeira e um senhor chegou dizendo:

- Plantando frutas? Larga disso!

Dona Chiquinha, a senhora está tão velha que não vai comer os frutos dessa árvore. Ela deu sua lição: - Quando vim ao mundo, já encontrei frutas e desde nenê eu pude comê-las, pois alguém antes havia plantado. E assim eu faço, pois outros comerão.

Dona Verônica (foto ao lado), então vizinha das irmãs Brigagão, contou essa história a Nilvanda Furquim, que a redigiu para ser publicada no jornal Folha de Campo Místico, edição 61 (novembro/2010). O Sr. Simonides Loddi a incluiu em seu livro Campo Místico, A Saga de Bueno Brandão (pág 106).

Vamos fazer igual ?



A atitude maravilhosa de Dona Chiquinha é exemplo para todos nós. Vamos fazer o mesmo que ela? Vamos plantar uma árvore?

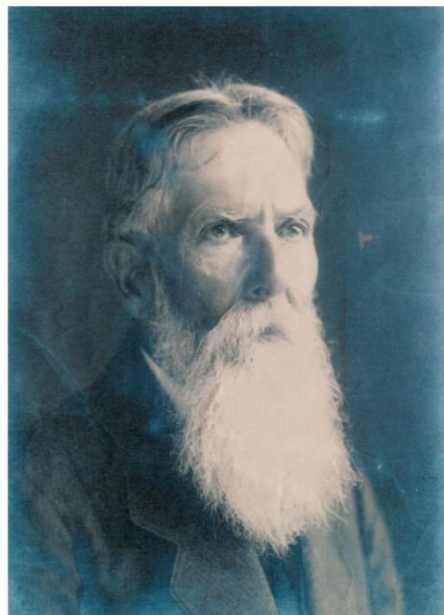
Se for frutífera, daqui há alguns anos comeremos seus frutos, que também serão aproveitados pelas futuras gerações. Se não produzir frutos, ainda teremos sua sombra, um ar melhor para respirar e uma terra mais fértil.

Vamos fazer isso em homenagem e gratidão a nossos antepassados, que plantaram tantas árvores para que, ao nascer, já tivéssemos seus frutos e sua sombra para aproveitar. Mas antes de plantar, é preciso saber qual o melhor lugar para cada tipo de árvore.



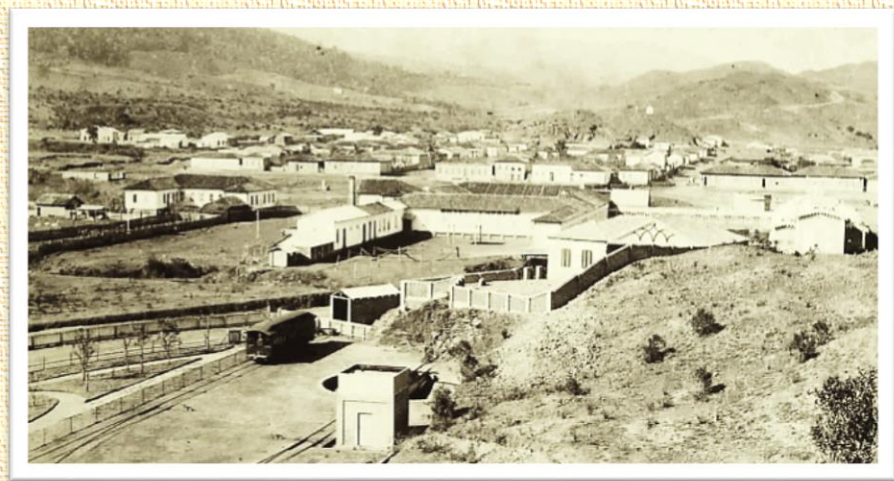
O Barão de CAMPO MÍSTICO

Antônio Teixeira Diniz, apelidado de Nhonhê, nasceu na Fazenda do Ribeirão das Antas, em 1836. Aos 7 anos foi morar com o bisavô Antônio Gomes de Freitas, na Fazenda dos Bugres, atual cidade de Caldas (Antônio Gomes de Freitas é considerado o fundador de Caldas). Em 1859, na Matriz de Ouro Fino, casou-se com Ana Bárbara, uma viúva de Caldas, já com dois filhos do primeiro casamento. A união não durou muito, pois anos depois Ana Bárbara faleceu, deixando Nhonhê viúvo muito cedo.



Antônio Teixeira Diniz (Nhonhê), o Barão de Campo Mystico

Em 1878, mudou-se para vila de Nossa Senhora da Saúde das Águas de Caldas (hoje Poços de Caldas), onde percebeu que poderia desenvolver atividades lucrativas e promissoras: um hotel para receber as pessoas que iam cuidar da saúde nos banhos termais, atrativos para uma estadia mais divertida, como os jogos e o transporte para os visitantes vindos de São Paulo.



Colocando em prática sua visão empreendedora, Nhonhô enriqueceu em pouco tempo. Construiu a primeira hospedaria de Poços de Caldas, que ficava onde hoje está o coração da cidade, junto ao atual hotel Palace, na Praça Pedro Sanches.

Tornou-se figura de influência social e política, sendo delegado de polícia, vereador, presidente de partido político e coronel de um batalhão da Guarda Nacional da vila de Poços de Caldas, ficando conhecido também como Coronel Diniz.

Conta-se que, quando o Imperador D. Pedro II visitou Poços de Caldas, sua carruagem atolou em um lamaçal. Nhonhô tirou seu paletó de cerimônia, arregaçou as mangas e juntamente com quatro fortes escravos, enfrentou a chuva e entrou na lama, desatolando a carruagem com o Imperador e sua esposa, imperatriz Tereza Cristina. D. Pedro II agradeceu e Nhonhô respondeu:

- Para mim foi melhor, porque fiquei livre dessa rouparia que estava me azucrinando. Com isso, conquistou a simpatia imperial.

Em outra ocasião dessa mesma viagem, com muita lama na chegada da casa onde haveria uma reunião social, Nhonhô não pensou duas vezes: forrou o chão com sua capa para que D. Pedro II não sujasse os sapatos.

Outro caso famoso foi no almoço oferecido à comitiva imperial, quando ele, empolgado ao relatar uma caçada, quebrou o protocolo, batendo nas pernas do imperador dizendo:



Assim chegavam os visitantes que iam à Poços de Caldas para os tratamentos com as águas terapêuticas.

- Pois é, Coronel, esse foi o dia mais feliz da minha vida.

O monarca, sorrindo, respondeu:

- Obrigado Coronel Diniz. Eu sou mesmo coronel de vários exércitos do mundo, mas o senhor foi a primeira pessoa que teve a delicadeza de recordar essa honraria. E D. Pedro II mandou anotar o nome de Antônio Teixeira Diniz como o novo barão. Como isso ocorreu depois de 1850, quando o povoado das Antas já se chamava Campo Mystico, terra natal de Nhonhô, o imperador o designou Barão de Campo Mystico, em 24 de agosto de 1889. Após pouco mais de 2 meses, em 15 de novembro foi proclamada a república, sendo D. Pedro II e a família imperial banidos do Brasil.

Por volta de 1904, o Barão começou a ter problemas, pois suas fazendas de café entraram em decadência. Por volta de 1908, seu estado mental já estava bastante comprometido (acredita-se ter sido o mal de Alzheimer). Entre 1908 e 1912, perdeu todas as suas propriedades urbanas (cerca de 16 prédios) e aos poucos vendeu suas fazendas na região.

Faleceu em dezembro de 1918, em Poços de Caldas, meses após o suicídio de seu único filho reconhecido como legítimo, João Teixeira Diniz. A cidade o homenageou como Personalidade do Século, por sua importância na história local.

Em sua terra natal, já em vida foi homenageado: desde 1900 a principal rua do antigo distrito de Campo Mystico já tinha o seu nome: Rua Barão de Campo Mystico. Ao longo dos anos, seu nome foi Rua do Comércio e Rua Getúlio Vargas. Mas o povo acabou referindo-se a ela como Rua Direita.



E felizmente, após algum tempo, foi retomado e oficializado o nome original, Rua Barão de Campo Mystico, homenagem a esse ilustre filho da terra. Nas fotos, a rua há várias décadas atrás.

O distrito de CAMPO MYSTICO

O Almanak Sul Mineiro de 1884 tem informações curiosas sobre o distrito de Campo Mystico, com seu cultivo de fumo e produção de vinho. Um desses produtores de vinho foi o Padre Zeferino, que dá nome a uma rua da cidade, onde estão localizados o Centro Comunitário Bom Jesus e a Câmara Municipal de Bueno Brandão.

— Tem o lugar 3 fabricas de vinho, que já é exportado, sendo grande a cultura da uva, que dá abundantemente. A plantação feita pelo Revm. vigario Zeferino chega por centenas de pipotes de vinho que fabrica, que em grande parte tem bôa fama, sendo os vinhos branco e tinto procurados com interesse. De vinho especial fôrão fabricados ultimamente 90 barris, sendo muito apreciado. De 4,000 pés de uva já fabricou o Revm. vigario Zeferino quasi 14 pipas de vinho;— hoje a plantação que tem esse sacerdote é de cêrca de 30,000 pés.

— Proximo á localidade existe uma rica fonte de agua ferrea, que nenhum beneficio recebeu.

Ha na freguezia uma casa recentemente construida com o resultado de uma subscrição popular, destinada a servir de praça de mercado, toda cercada de gradil de madeira e com compartimentos fechados. Ahi vão ter as pessoas que vêm ao lugar vender seus generos, tendo começado a funcionar ha pouco mais de um anno.

Vinho, Fabrs. de
Antonio Nunes Brigagão.
Antonio Vicente Ramalho.
Francisco José da Rocha.
Zeferino Xisto Rodrigues Vieira, Vigario.

Havia uma considerável produção de vinho, com uvas cultivadas pelos próprios produtores. A produção de velas, o cultivo de fumo e outras práticas agrícolas também são citados.

Velas de cêra, Fabrs. de Antonio de Freitas Bueno. Claudio José de Castilho. José Borges Mariano.

As gerações nascidas nas décadas de 1930/1940 devem se lembrar das destalas de fumo, quando amigos e parentes iam até tarde da noite, retirando os talos das folhas de fumo para se fazer fumo de corda. O dono da casa oferecia comes e bebes a todos, que iam voluntariamente ajudar na destala.

— Fabrica-se velas de cêra, não só para consumo local, como para exportação.



As lavouras ainda não contavam com a produção em grande escala da batata, pois foi apenas na década de 1960 que, com a

Cultiva-se, além de cereaes, fumo e canna em quantidade, trigo e algodão para consumo dos teares para fabrico de tecidos, e café, de que já ha cêrca de 200,000 pés. Neste lugar existio um individuo de nome Piranchim, que cultivava fumo especial, producto de excellente aroma e gosto, muito apreciado pelos entendedores, e que ficou conhecido pelo nome da pessoa que o fabricava.

A exportação do fumo, que já excedeu a 9,000 arrobas por anno, attinge hoje a 2,000. Exporta-se os productos da canna, cultura que se desenvolve muito actualmente, cêrca de 4,000 porcos, gado, queijos, café, etc.

chegada dos espanhóis, o município tornou-se um grande produtor desse item.

Outro aspecto que o “Almanak” de 1884 nos mostra é com relação ao meio ambiente. Veja que o preço do alqueire com matas era maior do que a terra já própria para o cultivo agrícola ou de animais, pois a exploração da madeira era negócio rentável.

O alqueire de mattas custa de 20\$ a 60\$, e de campos 20\$ a 25\$. Ha em abundancia madeiras de construcção de numerosas qualidades. Vende-se por 10\$ a duzia de taboas de pinho e de peroba e cedro por 12\$000.

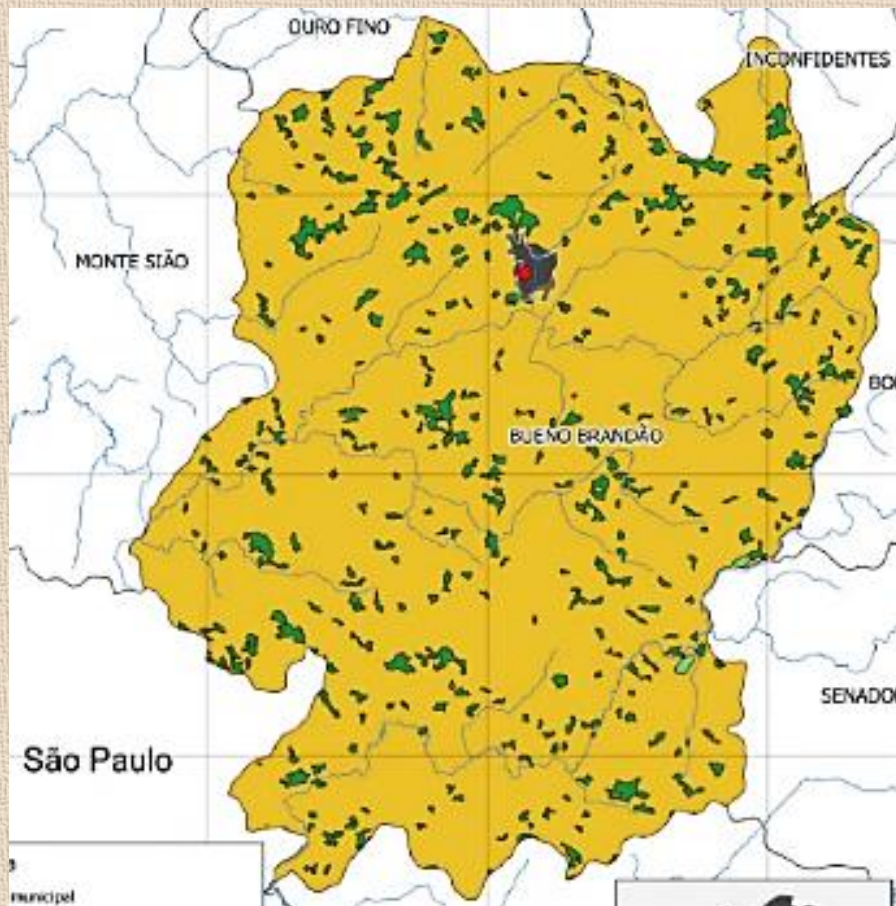
Infelizmente, isso contribuiu para a quantidade atual de mata nativa em nosso município ser pequena, pois na época não havia preocupação com reflorestamento de áreas desmatadas, nem órgãos fiscalizadores. O município de Bueno Brandão fica em uma área de ocorrência de Mata Atlântica, só que pouco restou dela.

Este mapa, extraído do Projeto Sanbas/UFGM 2019, mostra o que ainda temos de cobertura florestal. São as áreas em cor mais escura.

Segundo o site da Fundação SOS Mata Atlântica:

aquitemmata.org.br

a quantidade de matas que ainda resta por aqui é ainda menor. E uma das mais óbvias consequências dessa redução das matas é a diminuição na oferta de água, fato que tem se mostrado muito incidente em inúmeras minas e córregos.



São fundamentais nossas atitudes com relação ao meio ambiente. Esse texto de 1884 já atentava para isso, ao mencionar um “rego” com excelente e abundante água”, referindo-se ao Córrego do Quilombo, que atravessa nossa cidade e nos dias de hoje passa por ela sem chamar a atenção das pessoas, tão pequeno é seu volume atual, sem água de boa qualidade.

Passa dentro da povoação um rego com excellente e abundante agua, de que se serve o povo:—esse rego, porém, está descoberto e expostas a toda a sorte de damnificações, que notavelmente prejudicão este precioso manancial de agua, podendo-se com uma despesa approximadamente de 600\$ conservar em perfeito estado este excelente meio de dar-se á população do lugar a agua de que precisa para suas necessidades.

Com relação ao ensino básico, a edição de 1874 desse “Almanach” indicava a ausência de qualquer tipo de escola no distrito, com pouquíssimas pessoas alfabetizadas:

A povoação compõe-se de 80 casas formando algumas ruas irregulares e foi elevada á freguezia pela lei n. 481 de 1 de Junho de 1850.

Esta freguezia é uma das muitas desherdadas inteiramente de qualquer beneficio dos poderes provinciaes. Tendo não pequena população não tem uma só eschola publica, não admirando pois que em toda a parochia só 200 pessoas saibão lêr, sendo a população de quasi cinco mil almas.

Já na edição de 1884, vemos que a preocupação para com o ensino escolar existia, já havendo alguma iniciativa nesse sentido, embora com número bem reduzido de alunos. Era um começo.

— Funcionão na povoação duas aulas de instrucção primaria para ambos os sexos, estandô a de meninos com a frequencia de 32 alumnos, e a de meninas com 16.

De volta à edição anterior, de 1874, constatamos que a antiga capela do Senhor Bom Jesus, construída onde hoje está a Praça Virgílio de Melo Franco, encontrava-se em condições precárias. Provavelmente, como a população local já havia aumentado, a igrejinha também não acomodava todos os fiéis então existentes.

A matriz dedicada ao Senhor Bom Jesus é um templo modesto e que se acha muito arruinado. Está tambem precisando de reparos o pequeno cemiterio publico abi existente. A povoação é pobre e principalmente para as obras indispensaveis da egreja matriz carece de auxilio dos cofres publicos, o que, mais de uma vez, se tem solicitado debalde. Ha mais uma capella dedicada ao Senhor dos Passos, de pequenas dimensões, e sem cousa alguma de notavel. Uma pequena casa de detenção de criminosos que existe, está imprestavel por abandono e falta de conservação.



Foram gastos 67 contos de réis. Atualmente, calcula-se que 1 conto de réis (que significavam 1000 reis) equivale a 123 mil reais. Portanto, 67 contos valeriam hoje uma grande soma.

Os cuidados artísticos ficaram a cargo do espanhol Anselmo Otero, com muitos detalhes em madeira entalhada, no púlpito, nos altares e no guarda-corpo.

A Pedra Fundamental da nova matriz foi colocada em 5 de maio de 1894. Três meses depois foi iniciada a construção, sob a supervisão do Padre Zeferino.



Na comissão encarregada da construção estavam o Padre Zeferino, Cônego José Luiz de Melo, João Pedro Ferreira, Major João Ferreira de Almeida Goyos e Capitão Eduardo José de Freitas Carneiro, conforme consta no Livro de Tombo da paróquia.

Em 1899 a obra foi concluída. O ano ficou gravado na entrada frontal. Em 1900 foram feitos assoalho, forro e obras na capela-mor e em 1903, o Pe. Salvador Morelli adquiriu um harmônio, que foi instalado no coro da igreja.



*Na foto ao lado vemos parte do coro e também o púlpito, local mais elevado de onde o sacerdote fazia as orações. A palavra vem do latim *pulpitum*, que significa plataforma.*



Após passar por reformas, atualmente a igreja matriz não tem a mesma aparência de sua construção original.

A localização privilegiada, no alto da cidade, em meio à bela Praça da Matriz, a torna um prédio marcante em nossa paisagem urbana.

Voltando à edição de 1884 do Almanak Sul Mineiro, nela consta a primeira referência a uma hospedaria em Campo Mystico: um hotel de propriedade de um senhor que atuava também como sapateiro:

Hotel
José Gomes de Faria Telles.

Sapateiro
José Gomes de Faria Telles.

Se no século XIX havia esse hotel, no século XX tivemos outras hospedarias por aqui, como a Pensão Granada, onde hoje se localiza o comércio e a residência do Sr. Romeu Teles, na esquina das ruas Barão de Campo Místico e Alzira de Araújo. Também já funcionou como hotel, o prédio onde hoje está instalada a Biblioteca Pública Municipal Maria Felicidade Costa, esquina da Avenida Bom Jesus e rua Capitão Eduardo Carneiro.



Não se sabe ao certo quando este casarão foi construído. Sabe-se que a casa foi propriedade de um senhor chamado Benedito dos Santos, que tinha no local um hotel, conhecido como “Hotel do Dito Seleiro”, apelido dado por trabalhar com selas para cavalos. Em 1945, o imóvel foi adquirido por Luís Coutinho da Rocha, vendido a ele inclusive com os móveis e a louça que era usada no hotel. Além dessa edificação, existente até hoje, o terreno incluía a área da atual casa de Nelson Cândido e de João Brandão.

O novo proprietário fez algumas reformas no local. Para fazer a pintura decorativa nas paredes internas (pintura parietal), contratou dois pintores que já haviam feito esse trabalho na cidade de Jacutinga: Chiquinho e Nequinho. Com as obras finalizadas, a família do Sr. Luís Coutinho, vinda do Bairro dos Coutinhos, mudou-se para a casa.

Algum tempo após a mudança, outra reforma foi feita, dessa vez no porão, adaptado para ser moradia do Sr. Aurélio Cecon e sua esposa Julieta. Em 1951, a família voltou a viver em sua fazenda, no Bairro dos Coutinhos, levando os móveis que haviam pertencido ao hotel. Em 1953 a casa foi vendida para o Sr. Júlio César de Carvalho, conhecido como Julinho Português e prefeito de Bueno Brandão na época. Ele fez parte da comissão que trabalhou em prol da criação e instalação da comarca, registrada na foto da próxima página:

Em pé, à esquerda, Álfio Rossi e à direita Júlio Luiz de Almeida. Sentados, à esquerda Luiz Lodi, à direita Manoel Peluso de Carvalho e ao centro Júlio Cézar de Carvalho.

Em 1955, com a instalação da comarca de Bueno Brandão, o imóvel passou a sediar o Fórum Municipal. A comarca foi criada pela



Lei nº 1039 de 12 de dezembro de 1953 e instalada pelo Decreto nº 4747 de 28 de setembro de 1955.

As solenidades de instalação começaram no dia 29 de outubro. Às 19h ocorreu a chegada da caravana governamental, vinda de Belo Horizonte. No dia 30, às 21h, houve um baile comemorativo no antigo Clube Bueno Brandão (foto ao lado), localizado onde hoje está a agência do Banco do Brasil.



Mas antes disso, às cinco horas da manhã, ocorreu a alvorada e às 10h, uma missa em ação de graças, celebrada pelo Padre José João do Rego

Monteiro. Esta missa está registrada na foto da página anterior em que, à frente e ao centro, aparece o então prefeito, conhecido como Julinho Português. Ao meio dia, houve a instalação solene da nova Comarca e após a solenidade, foi oferecido



um churrasco no mercado municipal (a foto acima mostra parte do prédio do mercado).

Ao lado, podemos ver o casarão onde foi instalado o Fórum da Comarca e que atualmente abriga, no piso inferior, a Biblioteca Municipal. Vemos também o prédio onde ficava o Clube Bueno Brandão.

Quanta coisa mudou! Se o senhor “Dito Seleiro” pudesse estar em Bueno Brandão hoje, ficaria surpreso com a quantidade de meios de hospedagem no município: mais de 40 hotéis e pousadas nas áreas urbana como rural. Veria que seu hotel não poderia comportar nem uma mínima parte do número de visitantes que Bueno Brandão recebe por ano. Obviamente, o ano de 2020 não serve como referência, devido à pandemia. Mas nem todos chegavam como visitantes. Muitos vieram de longe para morar e tentar aqui uma vida melhor, buscando oportunidades.

Em 1888, com a abolição da escravidão, o governo de Minas Gerais incentivou a imigração italiana para atrair mão de obra às lavouras de café e outras atividades agrícolas. Muitos italianos que chegaram ao Brasil, na época, vieram para o sul de Minas. Vários deles se estabeleceram aqui, na antiga Campo Mystico, formando suas lavouras de café e fumo.



Imigrantes italianos desembarcam no Porto de Santos.

Na verdade, a imigração destinava-se ao meio rural, destinando mão de obra às lavouras, mas muitos imigrantes se fixaram nas cidades, pois já exerciam outro ofício, e não a atividade agrícola. Os italianos Luiz e Pascoal Morganti foram os primeiros comerciantes de “secos e molhados” que aqui se estabeleceram, em 1888. Várias imigrantes tiveram seus sobrenomes alterados, com a grafia adaptada para nossa língua portuguesa, pela dificuldade de comunicação. Aqui estão alguns dos sobrenomes de famílias italianas que aqui se estabeleceram (em ordem alfabética): Adami, Arrelaro, Bandoria, Battagini, Beghini, Beneduzzi, Berardinelli, Bragion, Brogin, Casalotti, Castriotto, Catuzo, Cecon, Chírico, Colli, Corsi, Constancio, Constantini, Cricca, Dalla Rosa, De Franco, Dini, Docena, Ferrari, Formigoni, Ghizi, Golla, Iemini, Lodi, Mantovani, Mazollini, Morelli, Novetti, Patrício, Putini, Reginatto, Riciatti, Rímoli, Rosatelli, Rossi, Schiavon, Sperandio, Testoni, Villibor e Zamproni.

Repetindo: essas são só algumas das famílias que aqui se fixaram, participando do progresso de Campo Mystico na agricultura, no comércio e na vida social.

Antigo comércio existente na esquina da Rua Barão de Campo Místico com Rua Prefeito Domingo de Franco, pertencente a descendentes italianos.





Aqui estão descendentes de vários imigrantes italianos vindos para nossa terra. Já não estão entre nós, mas deram sua importante contribuição para nossa cidade, pessoas com os sobrenomes italianos: Lodi (Luiz), Dalla Rosa (“Nenê” e Élide), Beneduzzi (Zulmira), Coli (Itália) e Rossi (Benjamin, Artibano, Tibério, Alcieste, que era conhecido por Osvaldo e seu filho Milton, que todos chamavam “Tio Milton”).

Um dos exemplos da influência italiana percebida até nos dias de hoje está na culinária: a polenta feita com fubá, o nhoque de batata, as massas com molhos à bolonhesa, os pratos à parmegiana, enfim são delícias que até hoje marcam presença em nossas mesas.

Muitos descendentes italianos fizeram e fazem história em nossa cidade:

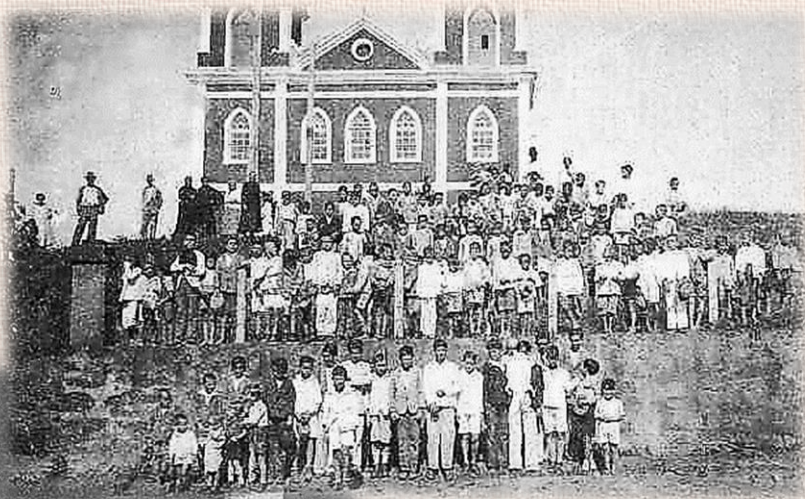


À esquerda, seu Aurélio Cecon e sua esposa. Ele trabalhou no Grupo Escolar Secretário Olinto Orsini, como o zelador da escola, cargo que hoje não existe mais. Cuidava das instalações do prédio, ajudava a tomar conta dos alunos e fazia serviços gerais (seu sobrenome “Cecon” está na lista apresentada na página 47.

À direita, Dr. Cleudes Antônio Chírco com sua esposa, Jandira. Ele foi um dos fundadores do Hospital e Maternidade Senhor Bom Jesus, onde atuou como médico por muito anos. Foi também professor na Escola Estadual de Bueno Brandão e prefeito desta cidade por quatro mandatos. Faleceu em janeiro de 2020, deixando-nos seu exemplo de humildade e simplicidade.



Abaixo, uma foto do casamento de Clodomir Battagin (que era conhecido como Mi Battagin) com Djanira de Almeida Battagin, na antiga igreja matriz do Senhor Bom Jesus. Com certeza, a maioria das pessoas na foto tem descendência italiana.



Sobre a foto acima, não se sabe em que ocasião foi tirada mas, provavelmente, grande parte dos que nela aparecem, também são descendentes de italianos.



*Também vieram os espanhóis,
que ajudaram muito em nosso
desenvolvimento. Mas isso foi na
década de 1960, século XX, e
será assunto do próximo livro.*

À esquerda, Vitório Beghini, cujos filhos e netos seguiram o exemplo de pessoa trabalhadora, investindo na cidade com empresas que geram empregos e desenvolvimento local.



*Acima, a família Putini: da esquerda para a direita,
os filhos de Túlio e Custódia Putini:
Ivo, Lourdes, Valdemar, Maria, Luiz e Abílio.*

Praça Virgílio de Melo Franco

Ainda que não tivesse esse nome ainda, o local onde fica a Praça Virgílio de Melo Franco sempre foi muito significativo em nossa história e vida social. Foi construída em 1947



pelo então prefeito Domingos de Franco. A praça recebeu o nome de Virgílio de Melo Franco, em homenagem a esse político de importância para o estado de Minas Gerais, nascido em 1897, em Ouro Preto. O pai, Afrânio de Melo Franco, foi o primeiro ministro das Relações Exteriores do Brasil, após a revolução de 1930. Seu tio, Afonso Arinos de Melo Franco, então membro da

Academia Brasileira de Letras, foi uma influência literária em sua vida, podendo ter sido a inspiração para que Virgílio seguisse a carreira política e jornalística. Tinha um irmão com o mesmo nome do tio, que também ocupou o cargo de Ministro das Relações Exteriores na década de 1960.

Na verdade, seu nome completo era Virgílio Alvim de Melo Franco. Após formar-se advogado, elegeu-se deputado estadual em Minas Gerais em 1922 e deputado federal em 1933. Esteve entre os fundadores da UDN (União Democrática Nacional), em 1945. Tinha mágoas de Getúlio Vargas, que não o indicou a governador de Minas Gerais, cargo que foi ocupado por Benedito Valadares.

Faleceu em 1948, no Rio de Janeiro, assassinado por um ex-empregado, também foi morto na luta corporal travada com Virgílio, caso esse que jamais teve suas causas esclarecidas.

Virgílio Alvim de Melo Franco, à direita, com seu pai Afrânio, no 23º Batalhão da Polícia Militar no Leblon, Rio de Janeiro.





Na foto ao lado, esquina da praça com início da Rua Coronel Ramalho, antiga residência do Sr. Oprévio. Nota-se que ali havia uma “bomba de combustível” para abastecimento dos poucos veículos então existentes. Observa-se, também, que o calçamento da rua já começava a ser feito.

A praça, quando ainda não havia calçamento em suas ruas. Ao fundo, a antiga igreja matriz. À esquerda vemos um dos coretos antes existentes.



*Ao lado, desfile passando
pela praça, por ocasião
da Festa do Senhor Bom
Jesus de 1968.*



J. Lucas

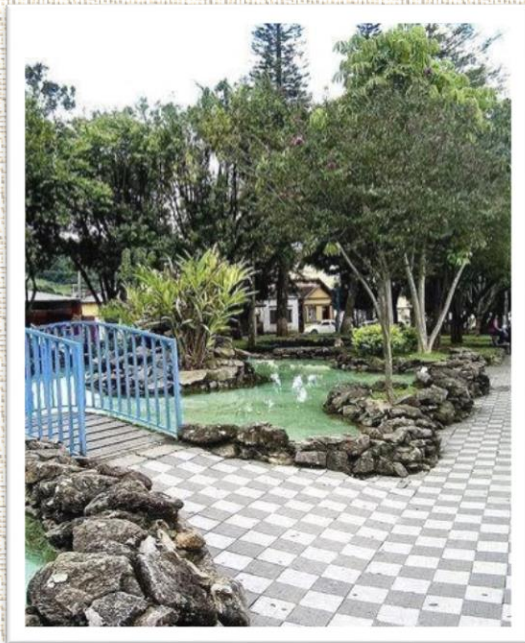
*Tapete sendo preparado na
praça, com serragem tingida
e pó de café, para a passagem
da procissão de Corpus Christi.*

Além de ser o local que remete à fundação de nossa cidade, já que nela foi construída a primeira capela para abrigar a imagem do Senhor Bom Jesus da Pedra Fria, a praça sempre foi um espaço de convívio social, entretenimento e encontro para pessoas de todas as faixas etárias.



Acima, o coreto que ficava no extremo da praça próximo à rua Coronel Ramalho. À esquerda, o coreto central da praça e à direita, o coreto que se localizava praticamente onde está o atual.





A instalação do lago dividiu as opiniões e ele permaneceu na praça por alguns anos, pois logo veio nova reforma.

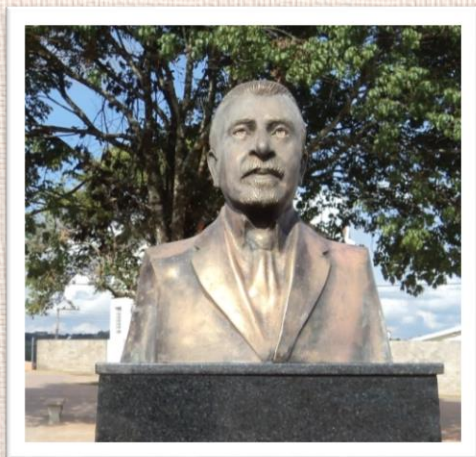
Em 1980, por ocasião do segundo mandato do Dr. Cleudes, a prefeitura fez algumas intervenções na praça. No ano 2000, em seu quarto mandado, acrescentou à praça um lago e fez, com pedras, de forma rústica, os seus contornos. Nessa mudança, foram retiradas as “buchinhas”, para dar lugar aos contornos dos canteiros feitos com pedras. Foi também construído um pequeno lago, no lugar de um dos antigos coretos, mudando o desenho original da praça.



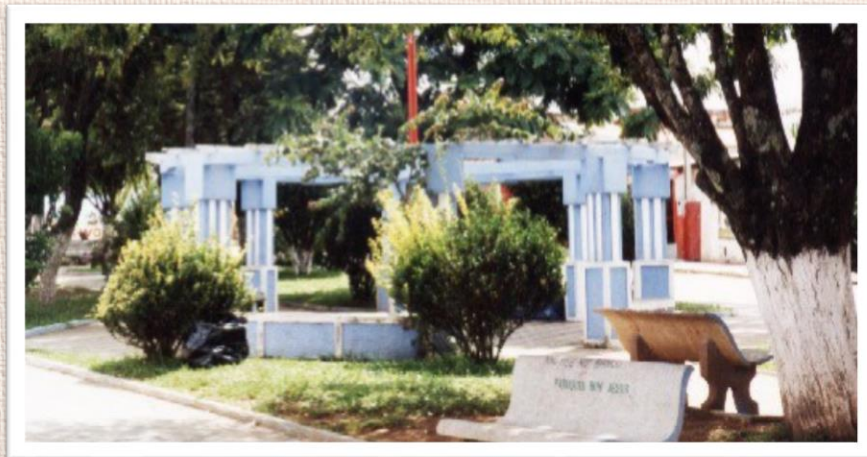
De 2005 a 2012, esteve na administração municipal o prefeito Jair Ashbar. No final do seu segundo mandato, foi feita uma mudança geral na praça. Os coretos e canteiros foram demolidos, a maior parte da vegetação foi substituída, o calçamento de parte das ruas foi retirado com novo piso ocupando seu lugar, ficando o espaço para trânsito de veículos e pedestres no mesmo nível.

Por ocasião da construção da “nova praça”, foi instalado um busto de Júlio Bueno Brandão, que dá nome a nossa cidade. Com a morte do governador de Minas Gerais, João Pinheiro, em 1908, foi ele quem assumiu o governo mineiro.

Busto de Júlio Bueno Brandão



Coreto e árvores antes existentes na praça.



O projeto original feito para a obra acabou não sendo executado na íntegra.



Na administração seguinte (2013/2016), o prefeito Danilo Amâncio também fez algumas intervenções e, na atual administração do prefeito Sílvio Félix (2017/2020), outras ações necessárias foram realizadas.



inventariada como patrimônio cultural de Bueno Brandão, o Conselho Municipal de Patrimônio liberou recursos do ICMS Cultural para a aquisição de novos bancos e postes, assim como o fez com os novos postes da Praça da Matriz.



Como a praça é

TURISMO: a semente é plantada

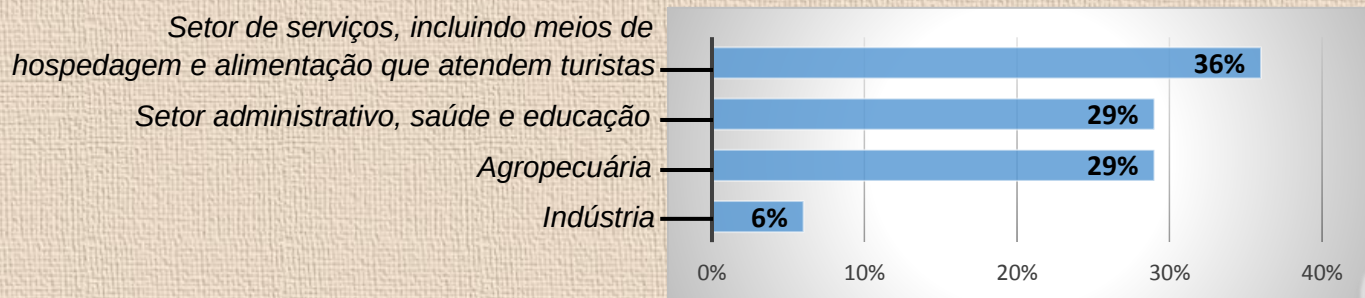
Nossa atratividade turística e as possibilidades que ela pode oferecer ao nosso desenvolvimento já foi percebida há décadas atrás. Em 1945, a análise de nossas águas, feita pelo Instituto de Tecnologia Industrial de Minas Gerais, já indicava o potencial de Bueno Brandão para ser uma estância hidromineral.

Há mais de 50 anos, durante seu mandato como prefeito, o Sr. Simonides Loddi já visualizava os benefícios que o turismo poderia nos oferecer. Lutou para a criação da Estância Climática e Hidromineral de Campo Místico, no município de Bueno Brandão. Na época, a falta de recursos e de apoio do governo estadual inviabilizou a instalação da estância, mas estava lançada a semente que hoje vemos dar frutos.



Nossa cidade tem mesmo um carisma especial. Quem sabe, a conotação exotérica e a dose de “magia” que contém nosso antigo nome – Campo Mystico – esteja nessa atração que essa terra exerce sobre nós e sobre tantos bueno-brandenses que residem em outras cidades, por motivo de trabalho ou estudo. Esse carisma atrai também novos moradores vindos, em sua maioria, de grandes centros urbanos, além de visitantes que chegam em número crescente.

Esse carisma atrai também novos moradores, provenientes, em sua maioria, de grandes centros urbanos, além dos visitantes que recebemos, em número crescente. Nossa cidade é sim, um paraíso no alto da serra e, cada vez mais, a atividade turística firma-se como uma significativa alternativa econômica. No levantamento feito pela equipe da UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais - durante 2019, para a elaboração do Plano Municipal de Saneamento Básico, veja a participação do setor de serviços (que inclui o turismo) na economia bueno-brandense:



O turismo é um setor econômico tão importante, que há países onde essa atividade é o principal gerador de renda. Um exemplo prático em nossa cidade: quando a prefeitura promove a festividade como o Arraiá do Zé Bagunça, recebemos um grande número de turistas. Mas vamos supor que venham para a festa apenas 400 pessoas de outras cidades e que cada uma gaste ao menos 400 reais com hospedagem, alimentação, combustível e no comércio em geral.

Fazendo as contas, teremos o valor de 160 mil reais entrando para movimentar nossa economia. Somente esse valor já ultrapassa o investimento feito pela prefeitura para realizar a festa. A movimentação econômica gerada por ele, faz muita diferença no desenvolvimento do



município. E nesse cálculo nem estão incluídos os visitantes que veem e voltam no mesmo dia. Não se hospedam aqui, mas gastam, no mínimo, com alimentação. Praticamente todos os setores do município se beneficiam. Por exemplo, se o turista não vai ao supermercado, o dono da pousada onde ele está hospedado tem que ir, pois precisa comprar os itens necessários para preparar o café da manhã. Isso sem falar nos empregos gerados por essa demanda.

O setor agropecuário é nossa principal fonte econômica, mas precisamos estar atentos à outros potenciais que nosso município também oferece, sendo um deles o turismo.

Vários tipos de atrativos levam uma pessoa a sair de sua casa para visitar outra cidade, como a simpatia do seu povo, as belezas naturais e os aspectos culturais como história, gastronomia, festividades e eventos. Bueno Brandão tem condições de oferecer tudo isso!

Simpatia de nosso povo

Por certo, é um conjunto de fatores que leva nossa cidade a ter um carisma tão particular. Mas um deles, com toda certeza, está na receptividade e na simpatia de nossa gente. Você pode visitar um lugar maravilhoso, mas se não for bem acolhido, voltará para casa levando má impressão.

Somos uma cidade do interior, com personalidade própria. Se essa autenticidade, demonstrada de forma cordial, pode cativar inclusive nós mesmos, moradores, imagine então o visitante! Já que gentileza gera gentileza, vamos receber cada vez melhor o turista, para que volte, traga seus amigos e fale bem de nossa cidade.

Outro atrativo turístico importantíssimo **Belezas naturais** é o patrimônio natural. Nosso relevo montanhoso e as inúmeras nascentes propiciam a existência de picos, vales e muitas quedas d'água, fazendo com que as paisagens tenham vários elementos que a tornam encantadora. Toda essa riqueza natural, muito além de ser motivo para que o turista

venha é, acima de tudo, um patrimônio de nossa população, que nos permite respirar um ar de melhor qualidade, ter água para nosso abastecimento e para a principal atividade econômica do município: a agropecuária.

Reforçando: todo esse rico patrimônio natural precisa ser preservado para continuar a ser fonte de vida e saúde pra todos que vivemos aqui, para que as atividades agropecuárias tenham condições de serem praticadas e para manter-se como beleza capaz de atrair visitantes que movimentam nossa economia.

Vista do Mirante da Serrinha, local onde está sendo construído o Polo Astronômico de Bueno Brandão.



Recentemente foi aprovado o Plano Municipal de Saneamento Básico, válido até 2040. Fomos privilegiados no processo de elaboração do plano: dos 853 municípios mineiros, estamos entre os 30 que receberam acessoria técnica gratuita da UFMG/FUNASA, e entre os 6 primeiros

onde o trabalho foi realizado. Para essa importante pesquisa e formulação, a comunidade foi ouvida e convidada a ser participativa, pois conhecer a realidade local foi fundamental para se estabelecer as diretrizes e ações previstas no plano. Toda essa explanação cabe perfeitamente no tema “patrimônio natural”, pois esse plano vem justamente nortear atitudes que podem prevenir a degradação ambiental, protegendo esse imenso tesouro que possuímos: nossa natureza.

Entretanto, um plano de ação só apresenta resultados práticos e positivos, quando toda a população “veste a camisa” e abraça a causa. Sendo assim, vamos mais uma vez dar um exemplo bem prático: com a proibição dos lixões e aterros controlados, para a solução desse enorme problema, Bueno Brandão está fazendo parte de um grupo formado por algumas cidades, um consórcio intermunicipal. O lixo dessas cidades será levado para um local adequado, em outra cidade, com todas as licenças ambientais exigidas. Logicamente haverá um custo para cada município e, justamente por isso, essas cidades se uniram: para reduzir esse custo. Mas ainda assim, o valor será cobrado por tonelada de lixo enviado. Com o início da coleta seletiva em nossa cidade, será fundamental o papel de cada um de nós para separar o que pode ser reciclado.



É fundamental a atitude consciente da população separando, em cada residência, o lixo reciclável do não reciclável. Bem simples. A prefeitura já construiu o galpão onde trabalharão membros da associação de catadores de Bueno Brandão. O que puder ser encaminhado para a reciclagem, irá para esse galpão. O que não puder, o município terá que pagar para ser levado daqui (preço por tonelada). Fazendo a separação, teremos no mínimo quatro benefícios:

1 – Nossa consciência tranquila, por cumprir com nosso dever de cidadãos, agindo com amor e gratidão pela cidade que nos abriga.

2 – Fazer com que a quantidade de lixo a ser levado daqui (o lixo não reciclável) seja a menor possível, para que o município não tenha que gastar tanto nesse processo, sobrando mais dinheiro para ser investido em nossas necessidades locais.

3 - Colaborar com os catadores que trabalharão no galpão, que irão separar os materiais como plástico, vidro, metal, papelão, para depois vender às indústrias de reciclagem, gerando renda para suas famílias e ajudando-nos a dar um destino correto ao lixo que nós mesmos produzimos.

4 - preservar nosso patrimônio natural, deixando de depositar em nosso solo, toda a quantidade de lixo produzido no município, além de estar dando exemplo para outras cidades.

Cultura Eventos Festividades História

Além da simpatia das pessoas e das belezas naturais, temos os aspectos culturais com importante atrativo: festividades, eventos, gastronomia, história. Os demais livros já publicados pelo Departamento de Cultura, assim como esse, também registram nossa história, divulgando-a e valorizando-a. A recuperação do Casarão Villa Ramalho é um passo importante nesse sentido.



Além de sediar os departamentos de Cultura e Turismo, o casarão passa a ter uma sala de exposições, onde serão realizadas mostras temporárias sobre nossa cidade, sua produção artística, sendo um local com visitação aberta ao público.

*Casarão Villa Ramalho,
construído por volta de 1930.*

Outra construção de grande valor histórico que passará por uma recuperação e um retorno ao seu estilo original, significando também resgate e valorização da história, é o casarão citado nas páginas 41 a 43 desse livrinho. É no seu piso inferior que fica a Biblioteca Pública Municipal Maria Felicidade Costa. É outra importante atitude do Conselho Municipal de Patrimônio Cultural, liberando recursos do Fundo Municipal de Patrimônio Cultural para a aquisição das novas janelas e para a porta frontal. O projeto foi elaborado pelo arquiteto José Carlos Basílio Júnior, da prefeitura municipal.



Ao cuidarmos da fachada de nossa casa, calçada e estabelecimento comercial, colaboramos para que nossa cidade fique mais bonita. O mesmo vale para o patrimônio público: prédios e praças públicas são de todos nós. Se algo é danificado, será usado nosso próprio dinheiro – os recursos públicos – para os reparos. Por isso, cuidar bem da cidade é cuidar do que é nosso. Para atuar na preservação e divulgação de nossa cultura, como é o caso da recuperação do Casarão Villa Ramalho, existe o Conselho Municipal de

Patrimônio Cultural, formado por cidadãos voluntários, sem nenhuma remuneração, apenas dispostos a colaborar.

O Conselho Municipal de Turismo (COMTUR) é igualmente formado por voluntários não remunerados e tem sido importante, inclusive, na valorização de outro grande



atrativo: a gastronomia, atraindo a atenção da própria população e dos turistas. Conjuntamente, a administração pública, o COMTUR e o empresariado local incentivam e valorizam nosso desenvolvimento gastronômico. Foi preservado e aprimorado o tradicional Tour Gastronômico, que ocorre no inverno e, em 2019, criado o Festival Prosa de Panela, no verão.

Tais ações e a iniciativa individual de cada empresário repercute no profissionalismo com que os estabelecimentos cuidam de seu aspecto culinário, que evoluiu muito. Com isso, ganha o turismo local, ganhamos todos nós e os próprios empresários. Apoiando e possibilitando o avanço que o município tem alcançado, está a atuação parceira da nossa Câmara Municipal.



Como atrativo cultural, não podemos deixar de citar as festas religiosas, festividades e eventos promovidos pela prefeitura e pela iniciativa privada. Em maio, ocorre a Festa de São Benedito e São Sebastião mas nossa festa religiosa mais tradicional é a do padroeiro, Senhor Bom Jesus, celebrada em 06 de agosto. Desde que Patrício José Joaquim de Miranda trouxe para cá a primeira imagem do Bom Jesus, a data era lembrada com algum festejo, modesto que fosse.

Na foto abaixo, a parte social da festa do Bom Jesus, quando ainda acontecia na praça Virgílio de Melo Franco, com barracão feito com varas de eucalipto e bambu, coberto com sapé. Observe que a igreja matriz ainda não havia passado pela grande reforma, em 1963.



São também culturais e tradicionais, as festas realizadas nas comunidades rurais, celebrando o dia de seu padroeiro(a). Como há muitos bairros na área rural do município, podemos dizer que temos festas o ano todo.

Celebração religiosa na festa do Senhor Bom Jesus, junto à matriz, na época em que ainda não havia sido construída a Praça da Matriz, hoje um cartão postal da cidade.

Entre os eventos que a prefeitura realiza, os de maior público são o carnaval e o Arraiá do Zé Bagunça, patrimônio imaterial reconhecido pelo IEPHA – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico. Na foto, José Coutinho dos Santos Júnior, Zé Bagunça, com familiares e amigos, quando a festa acontecia em sua rua.



Toda cidade que tem potencial turístico e quer aproveitá-lo para o desenvolvimento de sua economia, procura ter eventos ao longo do ano, que sejam entretenimento cultural, esportivo e lazer para sua população e visitantes. Sendo assim, com Bueno Brandão não poderia ser



diferente. Eventos esportivos atraem participantes de outras cidades, além de ajudar a despertar, em nossa população, o interesse pela prática de esportes, promovendo saúde e contato com a natureza.

Temos os eventos focados na manutenção e melhoria de nossa saúde, prevenindo doenças, juntamente com campanhas nacionais e até mesmo mundiais, como Outubro Rosa, por exemplo. O setor agropecuário também é assistido, com eventos que oferecem informação para a melhoria da produção e



Circuito Mineiro de Cafeicultura

● Produtividade ● Qualidade ● Competitividade ● Renda ● Sustentabilidade

intercâmbio entre produtores locais e regionais: o Dia do Agricultor e da Agricultura e o Circuito Mineiro de Cafeicultura são excelentes fontes de conhecimento.

Eventos como a Semana do Idoso, cujo objetivo é atender especialmente a população na terceira idade, acabam contemplando todas as faixas etárias, trazendo informações, vivências e diversão a todos. O desfile de 7 de setembro, comemorando a independência do Brasil, foi retomado pela atual administração (2017/2020).



Realizado por todas as escolas locais, traz reflexões importantes sobre a cidadania e nossa cultura. O ECOFEST, que ocorre em data próxima ao Dia Mundial do Meio Ambiente – 05 de junho – procura conscientizar sobre a necessidade de preservarmos nosso patrimônio natural, melhorarmos nossa qualidade de vida com alimentação, práticas saudáveis, e exercermos de fato a cidadania.

A atual administração incluiu no calendário de eventos alguns importantes festivais, como o Festival de Inverno de MPB – Música Popular Brasileira – realizado pela iniciativa privada nos anos 90. O atual Canto Místico (fazendo referência ao antigo nome da cidade) atrai profissionais e amadores do meio musical, que levam o nome de nossa cidade pelo Brasil afora e nos proporcionam cultura e música de qualidade.

Também valorizando nossa cultura, particularmente a viola caipira, declarada patrimônio cultural mineiro, o Festival Sertanejo Raiz premia as melhores interpretações da música sertaneja raiz, com participantes de vários estados brasileiros.

Em 2019 foi realizado também o primeiro Festival de Fotografia de Bueno Brandão – Olhares da Mantiqueira – com exposições e profissionais de alto nível do universo da



**OLHARES DA
MANTIQUEIRA**

1º Festival de Fotografia de Bueno Brandão

fotografia e participantes não apenas da região sudeste. As belezas de nossa cidade, registradas por excelentes fotógrafos, chegou a vários cantos do Brasil, através das redes sociais. Sem dúvida foi uma maravilhosa propaganda para Bueno Brandão, feita de forma gratuita.

O Concurso de Fotografia de Bueno Brandão também promove nossa cidade, com temas que enaltecem aspectos da natureza e cultura locais. Aqui estão as fotos premiadas da 7ª edição, realizada em 2019:

*Fotos de Viviane Reis (ao lado),
Mauro Santos (abaixo) e José Henrique
Clepf Bailoni (abaixo, à direita)*



Em julho, o Festival Inverno nas Montanhas tem diversas atrações e, em setembro, a Roda de Bandas reúne as tradicionais bandas de música de várias cidades, além da nossa Lira Santa Cecília. A Semana do Idoso, com atividades e programação variada, traz conscientização, aprendizado, diversão e integração social. Em outubro/novembro temos a Festa do Livro de Bueno Brandão, evento que reúne diversão, atividades educativas e culturais, com exposições e apresentações variadas. Recebe não apenas estudantes e população local, mas escolas e visitantes de outras cidades.

Em dezembro, além da comemoração do aniversário da cidade, temos as festividades de fim de ano: 17 de dezembro é a data em que o distrito de Campo Mystico se tornou município de Bueno Brandão, não mais pertencendo a Ouro Fino.

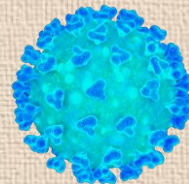
Toda essa programação é atrativa em termos turísticos mas, acima de tudo, oferece a nossa população: cultura, informação e entretenimento, tão importantes para a qualidade de vida.



Com eventos bem planejados, é possível economizar recursos. Por exemplo, a mesma estrutura de palco e som é usada no Arraiá do Zé Bagunça, Festival Canto Místico e Inverno nas Montanhas. O mesmo ocorre na Semana do Idoso, Roda de Bandas e Festival Sertanejo Raiz.

Os eventos movimentam a chamada “economia criativa”, em que inovação e criatividade são matéria prima para gerar renda e oferecer cultura, fator indispensável para o desenvolvimento humano. Quando se realiza um evento, os visitantes usam os serviços locais de hospedagem, alimentação, abastecem aqui seu carro, consomem em nosso comércio. Não é simplesmente a atração no palco que recebe por sua apresentação, ou a empresa que faz a locação de toda a estrutura. É uma cadeia de empresários locais que se beneficiam e com isso a cidade melhora. A FLIP – Feira Literária Internacional de Paraty – não condiz com nossa realidade local, mas mostra o enorme poder da economia criativa: em 2018, teve um investimento público de 3,5 milhões de reais, com retorno de 47 milhões, além de tributos arrecadados, gerando mais de 1000 empregos.

Infelizmente, 2020 é um ano atípico a nível mundial, devido ao coronavírus. Para que o turismo e a cultura continuem a promover nosso desenvolvimento, será preciso continuarmos a dar atenção a esses setores. Se não fizermos isso, outras cidades o farão, beneficiando-se da movimentação econômica gerada por tais atividades.



HIÑO DE BUENO BRANDÃO

*Desde muito tempo esquecida
Eis que rompem as suas cortinas
E surge então pra nova vida
Esta linda terra do sul de Minas.
Veja os filhos seus neste dia,
Esboçando alegria na fronte,
É a era de paz e de harmonia
Que desponta em nosso horizonte.*

*Salve terra que tudo produz!
Teu futuro será cheio de luz.
Salve terra, teu céu de puro anil
Há de cobrir mais uma cidade do Brasil*

*Os teus filhos cantam louvores
A teu nome, ó terra adorada!
Serás grandiosa entre os primores
E serás por Deus abençoada.
Corações unidos cantai
Este hino elevando esta terra
E em brado de amor exaltai,
Os segredos que o seu seio encerra.*

*Espargindo desde eras antigas
Aos fulgores de terra altaneira,
Que em grandeza a todos abrigas.
Rincão nobre da Pátria Brasileira
Resplandece Bueno Brandão
Aos destinos sublimes da glória
Enaltece o teu nobre brasão
Conquistado de ardor até a vitória.*



Em 1939, para os festejos de emancipação do município, Sebastião de Alcântara e Silva compôs o Hino de Bueno Brandão. A última estrofe foi incluída posteriormente, por José Silvério de Oliveira (“Zé Padre”). O acréscimo dessa estrofe incluiu, no hino, o nome da cidade à qual ele se refere. Observe que apenas nesta última parte adicionada, há a citação do nome do município: “Bueno Brandão”.

A bandeira municipal (verde com losango branco contendo o brasão) foi criada conforme desenho feito por Maria Dini, em 1984.



Conheça o acervo da Biblioteca Pública Municipal Maria Felicidade Costa, no piso inferior do casarão localizado na Avenida Bom Jesus, 161 (foto na pág. 41). Há livros para todas as idades, inclusive para quem ainda nem sabe ler, e de todos os estilos: aventura, romance, mistério. Temos até livros em braile. Um acervo em constante crescimento e renovação. Basta fazer seu cadastro, simples e rápido, e você já leva para ler em casa, o livro que escolher. Se ainda não tem 18 anos, seu pai, mãe ou responsável fazem o cadastro em seu lugar.

Em sua casa há fotos antigas da cidade e de sua família? Elas podem fazer parte do acervo histórico de Bueno Brandão, sendo expostas futuramente no Casarão Villa Ramalho.

Fale com o Departamento de Cultura:

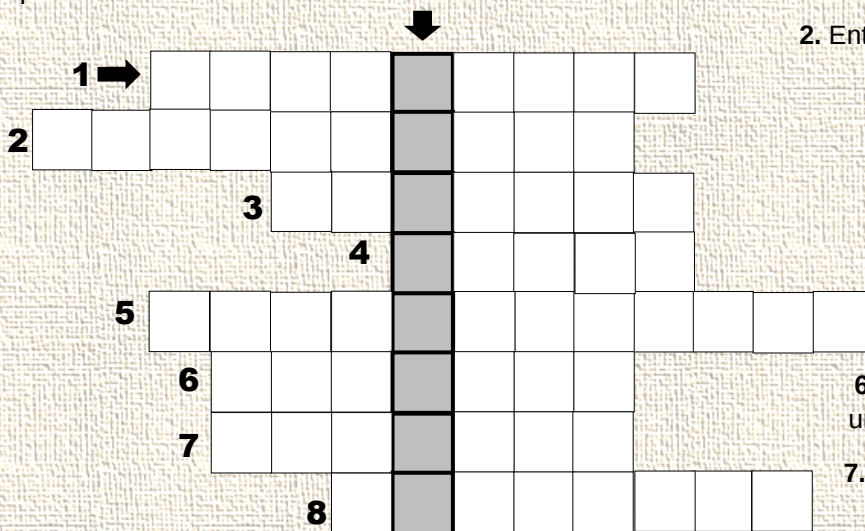
99714-0559 (whatsapp)

Email: cultura@buenobrandao.mg.gov.br



DESAFIO: nossos atrativos

Na vertical, se formará uma das várias qualidades das pessoas de Bueno Brandão, que os visitantes valorizam muito e nós também!



1. Queijos, vinhos, licores, geleias, doces, são exemplos de alguns de nossos produtos feitos de maneira _____, e bastante atrativos.

2. Entre as belezas naturais que temos, estão as mais de 30 _____.

3. Somos todos responsáveis pela _____ de nossa cidade. Lixo é no lixo!

4. A _____ da Matriz tornou-se um cartão postal de Bueno Brandão.

5. Evento anual visitado pelas escolas, visitantes e a população em geral.

6. A história e a _____ de uma cidade e de um povo são importantes atrativos turísticos.

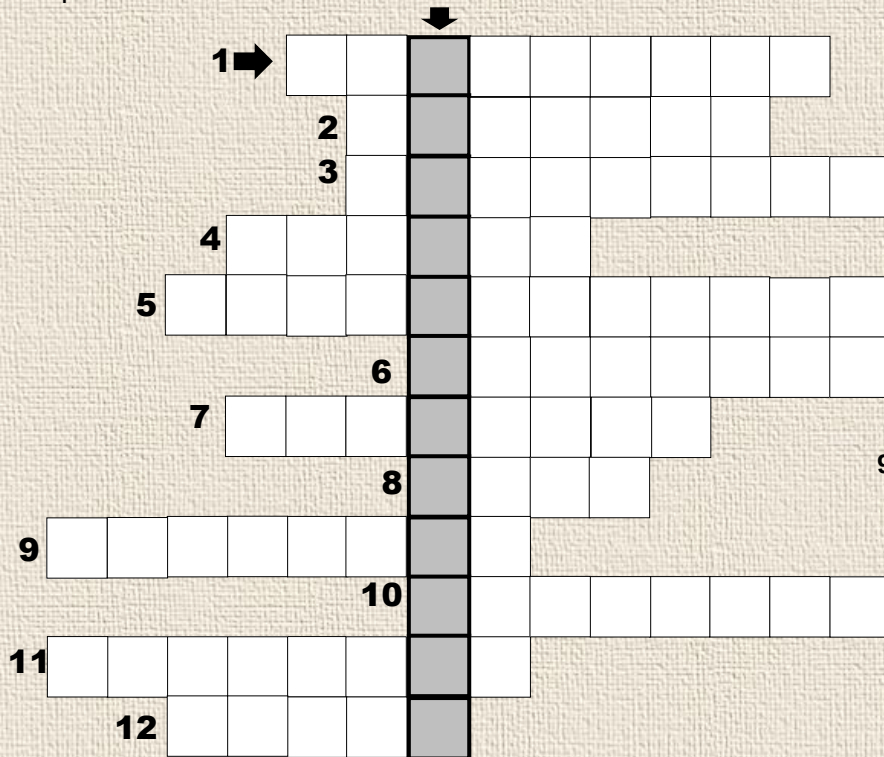
7. Atividade econômica que tem se mostrado importante para o município.

8. A _____ ocorrida pela contaminação com coronavírus, além de causar mortes, trouxe consequências ao turismo e cultura no mundo inteiro.

Respostas Nossos Atrativos: 1) Artesanal 2) Cachoeiras 3) Limpeza 4) Praça 5) Festa Do Livro 6) Cultura 7) Turismo 8) Pandemia

Nossa história

Aqui se formará o nome de uma bela cidade do sul de Minas.



1. Apelido de José Coutinho dos Santo Júnior e nome do nosso Arraiá.
2. Nome do frei que chamou essas terras de Campo Mystico pela primeira vez.
3. Sítio Natural com valor histórico e cultural para a nossa história.
4. Apelido de Antônio Teixeira Diniz, o Barão do Campo Místico.
5. Antigo nome de nossa cidade, antes de se chamar Bueno Brandão.
6. Sobrenome das irmãs Dália e Chiquinha, que viveram nesta cidade.
7. Primeiro nome daquele que é considerado o fundador dessa cidade.
8. Animal que aqui existia, e deu nome ao principal rio do município.
9. Origem de muitas famílias de imigrantes que aqui se estabeleceram.
10. Antes de ser município, nossa cidade era um _____ de Ouro Fino.
11. País de onde veio o fundador de Bueno Brandão.
12. Bebida feita com uva, nesta cidade, no século XIX, e ainda hoje.

Em sua casa há fotos antigas
da cidade e de sua família?
Elas podem fazer parte do
acervo histórico-cultural de
Bueno Brandão, sendo expostas
no Casarão Villa Ramalho.

**A foto continuará com
você e sua família.
Será apenas digitalizada.**

Entre em contato com o
Departamento de Cultura:
cel/whatsapp (35) 99714-0559
Email:
cultura@buenobrandao.mg.gov.br

